

O novo acordo para o gasoduto Espanha-França é vantajoso para Portugal?

Pedro Sampaio Nunes

Ex-director da Comissão Europeia das Novas Tecnologias de Energia e das Energias Convencionais



■ Tem sempre uma vantagem que é aumentar a segurança do nosso sistema, dar mais opções no caso de haver alguma ruptura. Neste momento, já temos uma das nossas entradas limitada por razões políticas, a ligação por Marrocos, e temos ameaçada, de algum modo, a entrada por Sines. Se, por acaso, houvesse um acidente em Sines, assim estaríamos mais apetrechados para podermos ser abastecidos pelo sistema europeu. É essa a vantagem.

Sobre a exportação de hidrogénio verde através do gasoduto, sou muito céptico. O hidrogénio verde é uma tecnologia que não existe hoje em dia, é um conceito. Quando estava na Comissão Europeia apoiei muitos projectos de hidrogénio, mas são tecnologias, apesar de conhecidas, caras, perigosas e de logística complexa. É uma ideia que, até se concretizar, levará o seu tempo. Tem de se fazer projectos de demonstração. Em relação à entrada de gás natural por Sines para ser exportado via gasoduto para a Europa, sou ainda mais céptico. Enviar gás natural liquefeito por um *pipeline* através de 2 mil quilómetros... isso não tem pés nem cabeça. Como não produzimos gás, seria gás natural liquefeito, que chega a Sines, mas pode chegar a Bilbao ou Barcelona como pode chegar a Laval, Dunquerque, Wilhelmshaven, a qualquer porto mais próximo dos pontos de consumo, ao mesmo preço, com mais um dia de frete. Não faz sentido.

António Vidigal

Consultor de energia e ex-CEO da EDP Inovação



■ O gasoduto BarMar entre Espanha e França parece não passar de um cenário. Não se conhece a capacidade, nem o custo, nem o prazo de execução, que deverá ser superior a cinco anos. Não vai, por isso, resolver no curto prazo a falta de gás da Alemanha e da Europa. A solução é a instalação de terminais flutuantes de recepção de LNG. A Alemanha, por exemplo, vai dispor de três já no final deste ano. Portugal não é produtor de gás natural, não tem em Sines capacidade excedentária relevante de recepção de LNG e tem uma capacidade pequena de armazenamento (24 dias). Portugal não entra nesta equação e falar no "gasoduto de Sines" é um absurdo. O interesse é sobretudo de Espanha, que tem seis terminais de LNG ocupados a 50%, dois gasodutos a ligar à Argélia e capacidade relevante de armazenamento. Já a interligação com Espanha entre Celorico da Beira e Zamora é interessante para Portugal. Está prevista desde 2009 pela REN, tendo como um dos objectivos aumentar a resiliência do sistema nacional, permitindo importar mais gás no caso de uma indisponibilidade prolongada de Sines. Mas, do ponto de vista estratégico, o BarMar vai no caminho correcto de reforçar a interligação energética da Península Ibérica a França. É um primeiro passo para o futuro reforço da interligação eléctrica, que é para nós mais interessante do que a de gás, por possibilitar a exportação de excedentes de produção renovável.